

Leitão: é preciso pedir uma coisa de cada vez

“É preciso desvincular a negociação da dívida existente da tentativa de obtenção de dinheiro novo”. A opinião é do Presidente do Banco Montreal, Pedro Leitão da Cunha, que acredita que essa separação deverá facilitar o processo de concessão de novos créditos, já que serão feitos em condições atuais, sem relação com o débito anterior.

A conversão da dívida foi outro ponto importante levantado por Leitão da Cunha para a renegociação com os credores em condições favoráveis ao Brasil. Ele afirmou que é preciso reiniciar o processo de entrada de capital estrangeiro no País, que está praticamente interrompido desde o ano passado. Ele acha que a conversão da dívida, além de diminuir a necessidade de reservas para o exterior, complementará a poupança nacional, trazendo investimentos para o setor privado.

O representante do Midland Bank no Brasil, Donald Pearson, também defende a conversão da dívida como uma forma de melhorar o contato brasileiro com os credores. Segundo ele, o Brasil vem praticando uma política agressiva com os bancos estrangeiros, enquanto a experiência de outros países tem demonstrado que a conversão

da dívida proporciona a melhoria do parque produtivo do País, além de contribuir com transferência de tecnologia.

Donald Pearson avalia a nova equipe econômica como mais liberal, capaz de fazer uma política de reserva de mercado mais frouxa.

● **WALL STREET** — Por mais um dia, Wall Street deu um crédito de confiança à decisão do Presidente do Citibank de aumentar suas reservas para US\$ 5 bilhões. O comportamento dos papéis do Citibank foi o carro chefe da Bolsa, fechando com alta de US\$ 2,75 por ação. Os outros grandes bancos americanos, como o Morgan Guaranty Trust e o Chase Manhattan Bank, também subiram. Parece que os grandes prejudicados com a decisão de John Reed são os bancos regionais dos Estados Unidos. Eles estão tendo perdas em suas ações e a perspectiva, em futuro imediato, é de um conflito entre pequenos e grandes bancos, que pode ter consequências graves para o Brasil no crédito comercial e interbancário.

— Estamos sempre reavaliando nossas posições. Não tomamos nenhuma decisão até o presente momento, mas nossos empréstimos para o exterior são de US\$ 1,9 bilhão, ou seja, cinco por cento do capital do banco. Nos últimos dias, perdemos mais de US\$ 2 por ação na Bolsa de Valores. Assim, uma retirada do crédito interbancário brasileiro não está definida mas pode ser considerada — disse o banqueiro David Murray, do Wells Fargo Bank da Califórnia, em entrevista ao GLOBO.